

Abaixar-se aos caídos

André Luiz Bordignon¹

Resumo: A proposta de reflexão situa a pastoral a sair de si e ir ao encontro das sociedades fechadas em si mesmas, propondo a contribuição ampla da teologia “em saída”. O objetivo é destacar a necessidade de sair as periferias reais e existenciais (EG 49). Essa atitude provoca a Igreja a repensar a sua atuação missionária, e a pastoral com a vulnerabilidade e marginalização das pessoas em situação de rua. A proposta será contribuir teologicamente nas suas ações samaritanas, possibilitando caminhos de ampliação da pastoral de rua com a Igreja “em saída”. O seu modo de proceder será kenótico se abaixando nas ruas, encontrando os caídos e feridos (Lc 10, 25-36). Considera-se necessário para a Igreja “em saída” somar-se com todos que sofrem a procura de um lugar digno, e como todos que ajudam os moradores em situação de rua sobreviverem. Por isso, se faz necessário sair da pastoral de conservação para a pastoral kenótica, possibilitando a lógica missionária e do cuidado.

Palavras-chave: Igreja “em saída”; *Kenosis*; Povo da Rua;

INTRODUÇÃO

A pastoral no mundo de hoje possui a oportunidade de voltar a sua fonte, fazendo a sua ação fruto da reflexão da práxis de Jesus. O Cristo é o bom pastor, que sempre zelou e teve compaixão pelos mais fracos, vulneráveis, desprovidos e marginalizados pelo sistema político-religioso da sua época. Essa proposta chamada de Reino de Deus deve iluminar a Igreja na sua teologia e pastoral, durante a sua peregrinação na história. A sua presença comunitária abre horizontes para enxergar as mazelas e as necessidades de transformação no mundo, possibilitando a saúde da pastoral missionária e evitando a enfermidade da pastoral de conservação.

O abaixar-se aos caídos é a dinâmica da Trindade, que na encarnação do Filho se despojou, se humilhou, renunciou a si mesmo e se faz carne. Essa atitude divina de usar de amor absoluto e não de poder absoluto faz a Igreja realizar a sua pastoral a luz da revelação, de um Deus próximo e no meio de nós. A Igreja “em saída” com a continuação do Concílio Vaticano II provoca a Igreja estar presente nas mais diversas periferias reais e existenciais. A pastoral de rua é uma dessas periferias, que deve desinstalar a Igreja fazendo a próxima dos moradores de rua.

A pastoral de rua é lugar teológico-pastoral para realizar a presença concreta do amor kenótico. O abaixar samaritano conduz a prática da promoção humana, preocupada em curar as feridas e incluir na mesa da fraternidade humana. Esse movimento pastoral de sempre se

1 Doutor em Teologia pela PUC-RJ, participante do grupo de pesquisa (CNPq) Ecologia integral & arquitetura do cuidado ecumênico, luzbordignon@gmail.com.br

abaixar possibilita a credibilidade da fé e ação eclesial no mundo, pois realiza o lava-pés constantemente na história e com os preferidos de Jesus.

1 PASTORAL: SAIR DE SI E IR AO ENCONTRO

A Igreja pós conciliar hoje está marcada por tempos de mudança de época, provocando a busca de novos horizontes teológicos, missionários e pastorais. O pontificado do Papa Francisco traz uma proposta sólida, convidando a todos, todos e todos saírem de si e irem ao encontro das demandas do tempo presente. Essa proposta convida a pensar teologicamente a ação pastoral e missionária, a luz dos fundamentos sólidos do Concílio Vaticano II. O Papa Francisco com a sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* chama essa “primavera conciliar hoje” de Igreja “em saída”, sempre pronta para sair, se envolver, acompanhar, frutificar e festejar cada pequeno passo dado (EG, n. 24).

O coração da Igreja “em saída” é a capacidade de *primeirear*² as novas iniciativas eclesiais, possibilitando a pastoral sair das cômodas práticas sacramentais, burocráticas, de conservação e ativista para ser decididamente missionária (EG). A leitura e o estudo das exortações, encíclicas, discursos e gestos do Papa Francisco conduz a pensar a teologia de maneira kenótica. A realização teológica e pastoral feita de joelhos e inclinada para se abaixar aos caídos (Lc 10, 25-37) e exercer o lava-pés (Jo 13). Essa teologia “em saída” se encarna na práxis cristã, realizando a credibilidade de sua existência, testemunho e ação.

A teologia do Concílio Vaticano está madura na mente e no coração do Papa Francisco, possibilitando o exercício do seu pastoreio universal fecundar com o sinal dos tempos. As questões emergentes da sociedade global e plural se tornam a pauta da teologia “em saída” e sua pastoralidade, pois convida a Igreja dialogar e estar no mundo. Essa proposta semente do Concílio Vaticano II prossegue com a sinodalidade exercida pelo Povo de Deus. A abertura de escuta da realidade através do *sensus fidei* de cada comunidade eclesial nas suas bases proporcionará a Igreja rever e renovar a si mesma, consequentemente a sua prática pastoral.

A pastoral nos tempos de *rapidación* está desafiada a dar respostas sólidas (LS, n. 18), frente as consequências provindas da liquidez das relações humanas, dos cuidados com a casa comum e da deterioração dos valores comuns. A oportunidade de se reunir comunitariamente para pensar, meditar, nutrir-se da Palavra, da escuta do Espírito é o *método sinodal conciliar para atuar pastoralmente no mundo. Tal caminho pastoral exigirá repensar nossa formação de presbíteros e de agentes de pastoral, para retomar as letras do Concílio e compreender a ousadia da Igreja “em saída”*.

A Igreja a luz da teologia do Concílio Vaticano II se faz mais pobre, evangélica e próxima da vida das pessoas. A sua opção está em ser pobre e com os pobres, fazendo a sua opção preferencial. Estar ao lado dos caídos e marginalizados é a opção da Igreja que sai de

2 Esse neologismo é usado pelo Papa Francisco para convidar a Igreja a sair de si e tomar a iniciativa em direção das realidades existentes, e necessárias da missão eclesial.

suas confortáveis riquezas e do moderno empresariado da fé, para viver o Evangelho marginalizado (CASTILHO, 2022, p. 179). Esse Evangelho marginalizado como aponta Castilho possibilita-nos uma reflexão, que estar na marginalidade é se manter fiel ao projeto do Reino de Jesus. A opção cristológica do enviado do Pai mantém a comunidade eclesial aberta aos horizontes do Espírito Santo, pois Ele nos conduz aos preferidos de Jesus e a transformação social.

O ícone da Trindade kenótica³ esboça o cuidado do Pai com o ser humano, o serviço promotor da inclusão do Filho e o beijo amoroso e reconciliador do Espírito Santo. Assim, a Igreja necessita estar atenta as dores, alegrias, desencontros e esperanças da humanidade, impulsionada a se colocar “em saída” as demandas e questões desafiadoras presentes na Casa Comum. Os pobres se tornam os primeiros a sofrerem as consequências do descaso humano na sua relação com a natureza (LS, n. 2).

A teologia “em saída” se mostra pronta a prosseguir os caminhos irreversíveis e abertos pelo Concílio Vaticano II, pois peregrina na história como Povo de Deus e procura escutar a sensibilidade de fé dos fiéis. Dessa maneira, o caminhar será junto e incluindo os mais pobres e descartados, pois eles nos apontam as questões presentes nas periferias reais e existenciais. A missão pastoral encontrará a sua direção “em saída” sempre que fazer o caminho do periférico para o centro. Por isso, será a hermenêutica da teologia “em saída” fazer o seu gabinete nas diversas periferias e fronteiras. A pastoral exercida com plena oração, pensamento, fundamentação e ação transformadora, pois fará a fé e a vida na sua plenitude.

As temáticas pastorais da Igreja “em saída” serão as mais variadas possíveis, contudo, cada realidade terá à sua maneira ímpar de somar ao todo. Esse caminho poliédrico fará a Igreja avançar o tempo que ficou parada olhando para si mesma, dentro dos seus muros. A pastoral estará sempre criando pontes para todos serem incluídos em um mundo melhor. Esse mundo é possível incluindo as demandas e propostas humanizadoras. Dialogar será preciso e escutar mais ainda, fazendo os gestos serem construtores desse mundo melhor.

Os princípios bergoglianos contribuem muito nesses passos necessários da pastoral “em saída”, pois abrem horizontes e caminhos possíveis. A sua ação não é frenética, pessoal, estacionada ou alheia, e sim superior ao tempo (EG, n. 222), pronta a unir (EG, n. 228), valoriza a realidade (EG, n. 231) e inclui a todos no abrangente (EG, n. 237). Pensando nessa perspectiva bergogliana a pastoral será mais misericórdia e pronta para se encontrar e servir. A sua atuação será credível, profética, solidária e fraterna. A proposta é ir com alegria para se encontrar na Casa Comum, fazendo a fraternidade entre todos e todas.

3 O ícone com a ilustração da atuação kenótica das Pessoas da Trindade encontra-se na cidade de Basileia na Suíça.

2 ABAIXAR-SE E PRIMEIREAR COM OS CAÍDOS

A teologia “em saída” provoca a Igreja se desinstalar da sua posição eclesial, missionária e pastoral. Assim, a rua é uma dessas fronteiras tanto reais como existenciais, fazendo a pastoral estar com a população em situação de rua. Essa população se torna descartada pela sociedade, inclusive pelas pessoas religiosas e das igrejas. Muitos moradores (as) em situação de rua são impedidos de entrarem nas igrejas, pois a presença deles causa a aporofobia. As igrejas movidas pela Palavra deveriam estar atentas aos cuidados aos pobres e desprovidos, pois a população em situação da rua é um dos rostos da pobreza e descarte humano hoje.

A Escritura nos relata as várias formas identificadas dos pobres e da pobreza, e a ação do povo de Israel deveria ser salvaguardar que os mais pobres fossem auxiliados com as esmolas (Lv 25,35; Dt 15,7) e o perdão do jubileu (Lv 25,10). Tratava-se do novo caminho de inclusão dos mais pobres. Os enfermos, as viúvas, os órfãos e migrantes sempre foram sujeitos da atenção de Jesus. Essa atenção criava os vínculos da desmarginalização e inclusão na comunidade de fé e social, devolvendo a vida plena (Jo 10,10). Nessa linha pastoral, a Igreja “em saída” valoriza, soma-se e *primeirea* junto a população em situação de rua, pois busca estar evangelicamente com esses preferidos do Senhor.

A fidelidade evangélica é o primeiro passo para sairmos das nossas críticas e se abaixar junto nas calçadas, onde se encontram os nossos irmãos e irmãs em situação de rua (LANCELLOTTI, 2021a, 51). Realizando o lava-pés samaritano poderemos escutá-los e compreendermos as causas que os levaram estar na rua. A pobreza, a drogadição e as desilusões são algumas das várias e diversas causas que levaram muitas pessoas a buscarem refúgios nas ruas. O próprio anonimato das pessoas em situação de rua cria o escudo de proteção para alguns, contudo, a indiferença social deixa a marca do descarte explícito da sociedade “terrivelmente temente a Deus e cristã”. Essa cultura religiosa gerada da indiferença desde os tempos bíblicos e reafirmada na cultura teocrática pós-moderna causa mais descarte e violência, como a da população em situação de rua.

A proibição da esmola, de entrega de comida e da circulação nos parques da população de rua são ações da sociedade teocrática e higienista, acusando os moradores de rua dos males sociais e da violência urbana. A fronteira da situação de rua deixou de ser uma preocupação urbana das grandes cidades, pois até as médias e pequenas cidades enfrentam essas questões. Contudo, quanto menor a cidade maior são as atitudes de violência e descarte com os moradores de rua. A metodologia pastoral “em saída” nos remete a olhar essa situação para se envolver, acompanhar, frutificar e celebrar os passos (EG, n. 24) de inclusão e humanização.

Os mesmos cuidados realizados por Jesus se tornam da pastoral de rua, buscando encontrar aqueles que estão nas encruzilhadas das ruas. Nessas encruzilhadas poderemos encontrar tanto os irmãos e irmãs em situação de rua, como outros irmãos e irmãs seguidoras de Jesus, ou pessoas de boa vontade (LANCELLOTTI, 2021b, p. 51). Será ali o envolvimento convicto que possibilita acompanhar as necessidades das políticas públicas negadas à essa população. A primeira ação pastoral é se abaixar para olhá-los, a segunda de escutá-los, a

terceira de tirar a fome e sede deles, a quarta de oferecer roupa e outros confortos de necessidade humana (Mt 25). Após providenciar as primeiras obras de misericórdia é necessária aprofundar o *miserikordear* pastoral.

Miserikordear a pastoral de rua será trazer a população da rua para o protagonismo da mudança política e social necessária de inclusão. Essa ação é testemunhada pelo Pe. Júlio Lancelotti na capital metropolitana de São Paulo. A casa do povo da rua é o lugar de encontro da promoção humana, pois alimenta o espírito e o corpo dessa população. As reuniões com diversas frentes sociais e pastorais com a presença da população da rua possibilita buscar e ampliar novos horizontes. Ampliar essa iniciativa pastoral é proporcionar a mudança da sociedade promotora do descarte humano, principalmente com campanhas políticas de higienização ou verniz das causas.

Despojar de si mesmo para se fazer pobre com os pobres será a práxis concreta da Igreja na sua pastoral neste XXI, pois com a IA e a sociedade do espetáculo a pobreza está sendo escondida. A atitude kenótica possibilita a Igreja manter o caminho do seu Senhor na história, e preocupada com os marginalizados de sua época. A população em situação de rua se torna marginalizada pela sociedade religiosa, e ao mesmo, descompromissada com o Evangelho. Assim, a religião atende as necessidades mercadológicas do capitalismo neoliberal e a sociedade do verniz, marginalizando a presença profética dos moradores de rua. A pobreza escancarada nas ruas denuncia a falta de humanidade, descaso dos pseudos cristãos e a necessidade de acabar com essa tirania (LANCELLOTTI, 2021b, p. 77).

O Evangelho do samaritano (Lc 10, 25-36) prossegue atual para a práxis cristã nortear a sua fé e a sua conduta, pois a pergunta sobre o maior mandamento é a bússola pastoral. E a resposta o norteador: aquele que eu encontrar pelo caminho e usar de misericórdia (Lc 10,37). A Igreja “em saída” provoca a teologia e a pastoral com os fundamentos evangélicos e conciliares, para buscarem exercer e atuar com as pessoas e questões encontradas pelo caminho. E assim a exigência é sair e se envolver. Ao encontrar os caídos e feridos defendê-los da violência, descarte, indiferença, preconceitos e a miséria, como a humilhação de terem seus itens pessoais retirados pelo cata-treco⁴.

Contudo, o primeiro passo é socorrer como no hospital de campanha, garantindo a necessidade básica que cure o ferido encontrado. A pastoral com a população de rua deveria acontecer com os hospitais de campanha localizados nas igrejas, como locais seguros para escutar e atender as necessidades dessa população. Outra questão será se envolver como fermento na massa, possibilitando as pessoas a verem os moradores de rua como seus irmãos e irmãs fragilizadas, feridas pelos interesses escusos dos poderosos e machucados pelos preconceitos. A Casa de Francisco de Clara se torna mais uma força conjunta para a pastoral de rua, pois fortalece o trabalho por uma economia mais humana, inclusiva de todos e todas, e transformadora. Assim, uma economia que inclui e promove, diferente da economia que mata e descarta.

4 Atuação de limpeza pública realizada pelas prefeituras municipais.

Prosseguir com a mentalidade justificada de frequentar a igreja, fazer louvores ou devoções não será realizar o maior mandamento (Jo 15,34). Ignorar o drama das ruas e apoiar pensamentos higienistas será permanecer na posição teórica e distante da prática cristã. Por isso, a frase de Dom Pedro Casaldáliga permanece atual e motivadora para *primeirar* a saída missionária com os pobres e descartados “na dúvida sempre do lado dos pobres”, pois eles se encontram onde foram colocados.

CONCLUSÃO

A comunicação pastoral apresentada propõe pensar a importância da Igreja “em saída”, para uma ação conjunta com a pastoral do povo em situação de rua. O processo do se abaixar kenótico levará a renovação social e eclesial a partir do contato com as dores das ruas, fazendo um mundo mais humanizado. Essa humanização fará uma Igreja e sociedade mais saudável.

As implicações teológicas presentes na Igreja “em saída” possibilitam novos processos pastorais capazes de provocar a ação humanitária, em diálogo com a sociedade. O contato humano fomentará o caminhar pastoral e missionário diante do seu abaixamento aos caídos na rua. Trata-se da tarefa kenótica, manifestando a possibilidade de um mundo melhor.

Assim como o Cristo encarnado nos propõe pensar a sua presença com os sofredores, por isso, a pastoral de rua contribui para a construção da humanidade sadia e plena (Jo 10,10). Essas iniciativas pastorais e kenóticas poderão ser capazes de fazer a Igreja e a sociedade caminharem juntas, propondo inclusão humana. O paradigma da pastoral de rua é o modo característico de a Igreja estar “em saída”, pronta para se abaixar, se envolver, acompanhar e incluir os seres humanos caídos e feridos.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev.e ampl. São Paulo: Paulus, 2003.
- CASTILHO, J. M., *O Evangelho marginalizado*. São Paulo: Editora Vozes, 2022.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015. (LS)
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica* sobre missão da Igreja no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013. (EG)
- LANCELLOTTI, J. R. *O Jesus das ruas*. São Paulo: Planeta, 2021a.
- LANCELLOTTI, J. R. *Amor à maneira de Deus*. São Paulo: Planeta, 2021.